

APELIDOS VIRTUAIS (*NICKNAMES*) NA INTERNET: SUA AUSÊNCIA EM CHAT EDUCACIONAL DE UM CURSO DE ESPANHOL¹

Crisciene Lara Barbosa-Paiva²

1. Introdução

Neste artigo, tratamos de “um traço extremamente característico da linguagem dos grupos de chat síncronos” (CRYSTAL, 2002, p. 186) – o uso de *nicknames*³ (apelidos virtuais). A questão que formulamos é: existe o uso de *nicknames* em chat educacional, uma das modalidades de chat? A resposta será dada a partir de um relato de uma experiência com um *corpus* ainda pouco explorado na literatura sobre o tema: um conjunto de cinquenta e duas sessões de chat educacional referente a duas turmas de um curso de espanhol, ministrado totalmente a distância, em um ambiente virtual de aprendizagem. Essas sessões foram realizadas, essencialmente, por escrito, em tempo real, em língua espanhola por participantes brasileiros. Este curso, intitulado “*Español para Turismo*” (doravante EPT), foi oferecido como um curso de extensão de 40h no segundo semestre de 2007, na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP - campus Araraquara). O programa de chat utilizado foi o da plataforma *Moodle*. O chat foi uma das atividades obrigatórias do curso, realizado com uma metodologia de trabalho por tarefas que, necessariamente, tinham que ser discutidas via chat entre alunos e entre alunos e professor.

¹ O chat educacional é objeto de análise de minhas pesquisas acadêmicas (mestrado e doutorado).

² Doutoranda pelo Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP, Araraquara), São Paulo, Brasil. Membro dos Grupos de Pesquisa: 1) Linguagem, Educação e Virtualidade (com a linha de pesquisa em Linguagem e novos gêneros discursivos em ambiente virtual) e 2) Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira (com a linha de pesquisa: Ensino de espanhol como língua estrangeira). Mestre pelo mesmo programa com estágio (mestrado sanduíche) na *Universidad de Valladolid*, Valladolid, Espanha. (Bolsas: CAPES-DGU (Espanha) e CNPq (Brasil) no período do mestrado).

³ Estamos usando como sinônimos os termos *nickname* (apelido, nome de fantasia), *nick* e apelido virtual.

De modo mais amplo, as reflexões que apresentamos estão voltadas para a busca de possíveis comparações entre o chat educacional e o chat aberto, sendo que ambos constituem em duas modalidades distintas de chat. Nesse sentido, nossa proposta é, em última instância, refletir sobre a natureza do *nickname* no chat aberto no que concerne ao uso do *nickname* e, assim, contribuir para o entendimento do seu funcionamento nessas duas modalidades.

2. Chat

De modo geral, podemos entender o chat conforme expõem Rodríguez Illera & Escofet Riog (2008), que afirmam que esse gênero digital é “um tipo de conversação entre várias pessoas que aparece nas telas de cada emissor à medida que escrevem suas mensagens” (p. 369). López García (2005) define chat como “um tipo de comunicação interpessoal cuja principal característica diferenciadora é que se produz de modo síncrono, isto é, os participantes da comunicação conectam-se em um mesmo momento para participar ativamente do discurso” (p. 98). Já Crystal (2002) utiliza o termo genérico “chat” para fazer referência “ao discurso eletrônico de vários participantes de âmbito universal, seja em tempo real ou não” (p. 153).

Nesse sentido, na busca por uma definição mais completa de chat, partimos daquela formulada por Barbosa-Paiva (2010), pois essa definição abrange a toda e qualquer modalidade de chat. Além disso, diante do fato de que o chat tem sido definido de forma diferente pela literatura, Barbosa-Paiva (2010) propõe uma definição de chat a fim de que haja uma complementação entre essas definições e não um caráter de exclusão. Assim, a autora entende por chat:

uma **conversação escrita mediada por computador**, que reflete as condições de produção ligadas ao tempo real ou *online*, ii) um **novo gênero (digital)**, que apresenta características próprias que o singulariza e está submetido às condições de produção da informática

e da conexão em rede, entre outros aspectos relacionados à tecnologia digital. (p. 48, negritos nossos)

Dentro do cenário educacional, o chat vem sendo denominado como “chat educacional”, que pode ser usado como uma ferramenta relevante no ensino, principalmente, quando se trata de ensino e aprendizagem de línguas, já que, por meio do chat, o aluno pode interagir em diferentes contextos, em situações reais de uso da linguagem e em interações com pessoas de distintos lugares ou países de forma síncrona.

Marcuschi (2005), que também denomina o chat educacional como “aula chat”, define essa modalidade como “interações síncronas no estilo dos chats com finalidade educacional, geralmente para tirar dúvidas, dar atendimento pessoal ou em grupo e com temas prévios” (p. 28).

O chat educacional não apresenta o mesmo funcionamento do chat aberto, uma vez que o número dos participantes é, comumente, restrito, tendo horário e tema, previamente, combinados (ARAÚJO, 2006). Para o autor, um dos aspectos mais ressaltantes no chat educacional é a necessidade de um horário de início e de término definido, assim como de um tema a ser discutido, sendo esses aspectos que servem também para caracterizar a aula. Araújo (2006), ainda, argumenta que “o gênero utilizado não é a aula, mas um chat educacional” (p. 231).

No gênero chat educacional, os participantes se conhecem ou são identificados por seus nomes e a entrada é limitada aos alunos, já que, na visão de Marcuschi (2005, p. 54), a sala-chat é uma “autêntica” sala de aula. Não é comum que nesse ambiente se usem *nicknames* ou máscaras para se esconder e ficar, assim, no anonimato. (MARCUSCHI, 2005, p. 54). Tendo em vista que, no chat educacional, as identidades

dos participantes não são preservadas, Araújo (2006) afirma os participantes podem estar “vulneráveis a possíveis sanções sociais” (p. 245).

Outra modalidade de chat que parece consistir em uma das modalidades mais utilizadas de bate-papo eletrônico é o chat aberto. Nele, os internautas podem acessar, livremente, em qualquer dia e horário. Marcuschi (2005) afirma que o chat aberto é um dos gêneros mais praticados da “civilização digital”. Para o autor, normalmente, nesse tipo de chat aberto, não se dá o nome verdadeiro do usuário, mantendo-se dessa maneira o anonimato por meio de *nicknames* em que o indivíduo se esconde (MARCUSCHI, 2005).

Nessa modalidade, há salas de acordo com interesses específicos: há salas classificadas por idade, por cidades e regiões, por temas, para encontros, para imagens eróticas ou outras, por interesses específicos. A figura a seguir mostra as classificações das salas de chat pertencentes à modalidade de chat aberto:

FIGURA 1

Classificações das salas de chat aberto



Fonte: <http://batepapo.uol.com.br/> (acesso 8 fev 2011)

No chat aberto, há também a possibilidade de o internauta conversar reservadamente com outra pessoa, que pode ser conhecida ou não. Acrescentamos que, quando o indivíduo interage em particular, aí se estabelece outra modalidade de chat, o chat reservado, que opera dentro do chat aberto. (MARCUSCHI, 2005).

3. O que diz a literatura a respeito do *nickname*?

A questão do uso de *nicknames* torna-se relevante na medida em que a literatura aborda o chat, de modo mais genérico, sem mencionar, precisamente, as diversas modalidades⁴ existentes desse gênero.

Segundo Crystal (2002), o uso de apelidos (*nicknames*) é um traço extremamente característico da linguagem dos grupos de chat síncronos. Ele afirma que também se emprega os apelidos nos grupos assíncronos. Mas a prática de usar apelido se associa, principalmente, com os grupos síncronos e com as interações dos mundos virtuais, em que, raramente, se utiliza o nome real. O autor ressalta que a escolha de um apelido é um ato ritual que exige o grupo ao que o indivíduo aspira a pertencer. Assim, trata-se de um assunto de grande complexidade e sensibilidade (CRYSTAL, 2002).

Para Sanmartín Sáez (2007), o *nickname* possibilita adquirir uma “nova personalidade” no espaço virtual do chat (p. 83). Mayans (2002) afirma que em torno do *nick* o usuário “define uma personagem”. (p. 193). Já López García (2005) destaca que a identificação nos chats por meio de *nick* ou pseudônimo produz ou pode produzir uma dissociação (separação) no indivíduo entre sua identidade real e a identidade virtual gerada a partir de sua interação nos chats. Para o autor, a imagem que os demais usuários criam do indivíduo derivará dos poucos dados que dispõem, que em princípio se reduzem a um *nick* escolhido por cada um e a suas intervenções, mediante mensagens

⁴ Segundo Marcuschi (2005), há cinco modalidades de chat: chat aberto, chat reservado, chat agendado, chat privado e chat educacional (aula chat).

de texto escrito, nos chats. Em consequência, se comparado ao mundo físico, o indivíduo domina em maior medida a imagem de si mesmo que queira representar diante dos demais. Além disso, o usuário não conta com vias comparáveis do “mundo real” para comprovar, simplesmente, se o que um indivíduo afirma ser é certo ou não.

Segundo Crystal (2002), “o apelido é a identidade eletrônica: diz algo de quem são e atua como um convite aos demais para que falem com eles” (p. 187). Para Cammany (apud SANMARTÍN SÁEZ, 2007) com o *nick* pretendemos nos definir, seduzir, fazer graça ou buscar personagens com gostos semelhantes. Ao “nos batizar”, decidimos, consciente ou inconscientemente, a maneira que queremos ser tratados ou vistos. Araújo & Costa (2007) acrescentam que a identidade dos internautas por meio de *nick* é “livre e independente de censuras impostas pelas convenções sociais” (p. 26). Yus (2001) argumenta que muitos usuários do chat são pessoas que, escondidas atrás da segurança de apelido, conseguem libertar-se das pressões impostas pela situação face a face e, desse modo, os internautas podem se expressar com uma maior liberdade e espontaneidade, ou, inclusive, podem jogar com a multiplicidade de identidades que o próprio sistema virtual propicia.

Segundo Mayans (2002), o usuário pode atuar de distintos modos ao usar os *nicknames*. Pode ser absolutamente fiel a ele mesmo e interagir por meio desse *nick* como se fosse ele/ela mesmo(a). Pode escolher seu próprio nome como *nick*. O autor denomina esses internautas como “*sinceros*”. Nesse caso, personagem e usuário se fundem em um só ser e não há forma de distingui-los. Entretanto, há outro tipo de personagens que se opõem a esta forma de ser/fazer. Alguns usuários decidem criar personagens, inventá-los. Mayans (2002) nomeia essas personagens de “*falsas*”. Não obstante, são abundantes as personagens criadas com uma intenção que o autor etiqueta como “*pouco sincera*”.

Crystal (2002) afirma que não se permitem conflitos de apelidos. Isto é, quando a pessoa acessa a um canal, pode escolher qualquer apelido (*nick*) que deseje, mas se alguém mais do grupo já o tenha, o programa não o permitirá utilizá-lo. Mayans (2002) acrescenta que a usurpação do *nick* de outro usuário é o maior dos afrontamentos que ocorrer em um chat.

Observamos que alguns autores (CRYSTAL, 2002; SANMARTÍN SÁEZ, 2007; MAYANS, 2002; LÓPEZ GARCÍA, 2005) ao mencionarem sobre o *nickname* no chat, não mencionam sobre as suas modalidades e, conseqüentemente, tratam da presença de *nick* em chat como se esse gênero digital não apresentasse subgêneros ou modalidades. No entanto, Marcuschi (2005); Araújo (2006) e Araújo & Costa (2007) consideram as modalidades chats. Assim, Marcuschi (2005) e Araújo (2006) comentam sobre a possibilidade de não usar *nicknames* no chat educacional. Entretanto, nenhum desses dois autores afirmam, categoricamente, sobre a ausência de *nicknames* em chat educacional.

Passamos, na próxima seção, a apresentar o curso “*Español para Turismo*” e a ausência de *nicknames* no chat educacional desse curso.

4. O curso “*Español para Turismo*” (EPT) e a ausência de *nicknames* no chat educacional desse curso

O EPT, no momento de sua criação, foi pensado para ser um curso de língua espanhola dirigido a alunos brasileiros, conforme afirmam seus autores Soto, Gregolin & Rangel (2009). O curso usa a plataforma virtual *Moodle*, seguindo os princípios do construtivismo social a fim de potencializar uma aprendizagem colaborativa, permitindo a inclusão de distintos tipos de atividades e ferramentas (SOTO, GREGOLIN & RANGEL, 2009), como, por exemplo, o chat.

Com uma metodologia de enfoque por tarefas, dirigidas à realização de objetivos práticos de forma colaborativa, o EPT centra-se em explorar Espanha como destino turístico. O EPT está voltado para o funcionamento discursivo de língua espanhola que visa tratar de aspectos referentes à área de turismo.

Esse curso visou a um público que já possuía o nível básico de língua espanhola e que desejava aperfeiçoar seus conhecimentos. Com relação ao perfil dos participantes, o curso contou com adultos que já apresentavam um certo domínio do idioma espanhol, mas que se encontram, ainda, em fase de aprendizagem dessa língua.

O EPT foi oferecido a quatro turmas, em duas modalidades diferentes: dois na modalidade semi-presencial e dois na modalidade a distância, sendo que para cada uma das turmas foi nomeado a um docente responsável. É relevante mencionar que este artigo usa somente os dados referentes a duas turmas ministradas na modalidade a distancia que tiveram cada turma um docente responsável, o professor Marcos e a professora Irene (nomes fictícios). A figura abaixo ilustra a página de abertura do curso EPT:

FIGURA 2

Página de abertura do curso EPT



Na figura acima, podemos observar que, na tela principal do curso, na coluna central – já que se podem verificar três partes nessa tela – ficam disponíveis aos seus participantes vários recursos, tais como a “cafetería”⁵. A figura abaixo faz um recorte dessa tela principal apresentada na figura anterior:

FIGURA 3

O chat como um dos recursos disponíveis no EPT

⁵ Léxico pertencente à língua espanhola.



Fonte: BARBOSA-PAIVA, 2010

Na figura 3, podemos observar, claramente, o lugar de acesso ao chat, nomeado de “*Cafetería*”, cuja denominação está relacionada à cultura da língua espanhola, uma vez que é um lugar onde as pessoas conversam sobre diversos assuntos. Assim, o chat estava disponível para encontros em tempo sincrônico (em tempo real) entre aluno-aluno e entre professor-aluno. Conforme mencionamos, o chat foi uma das atividades obrigatórias do curso.

Com relação ao tratamento do *corpus*, é significativo mencionar que não foram feitas alterações ortográficas nos textos conversacionais, já que como diz Marcuschi (2005) “é uma linguagem escrita não-monitorada, não submetida a revisões, expurgos ou correções. É uma linguagem em seu estado natural de produção” (p. 63). Desse modo, apresentamos o texto escrito dos participantes do curso EPT da maneira como ele foi produzido e registrado na plataforma *Moodle*. Além disso, informamos que trocamos os dados pessoais inscritos no texto conversacional e os nomes verdadeiros

desses participantes por nomes fictícios para manter o sigilo dos alunos e dos professores.

A figura 4 abaixo apresenta um recorte de uma sessão de chat da turma do professor Marcos. Nela, podemos observar que há os nomes dos participantes da então sessão de chat educacional. Reiteramos que esses nomes que aparecem, na figura 4, são fictícios por questão de sigilo.

FIGURA 4

Ilustração de sessão de chat educacional



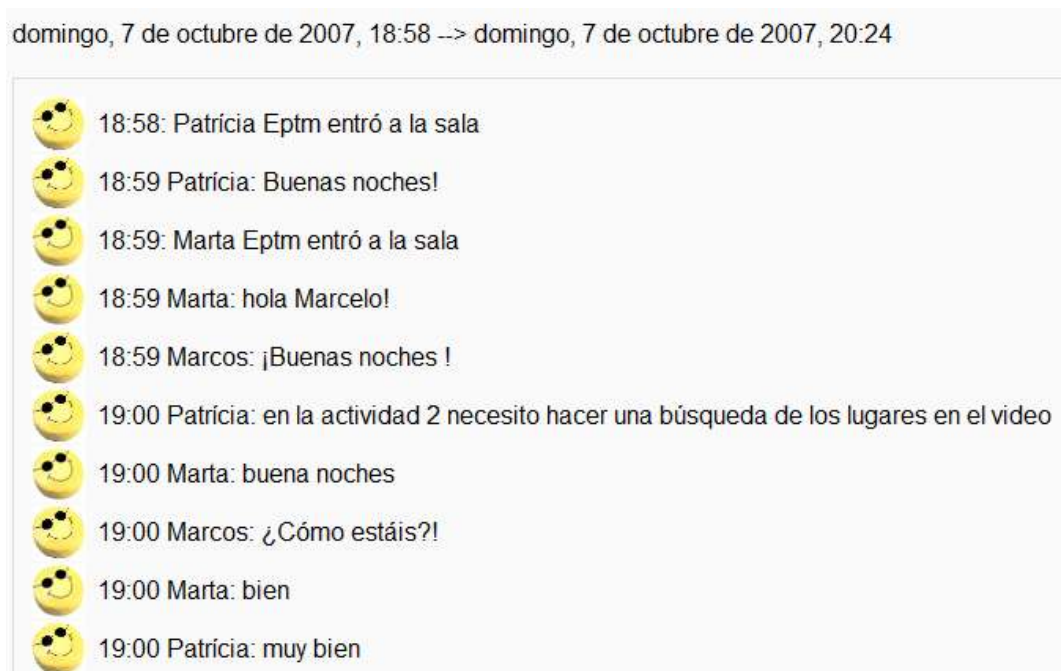
No momento da então ocorrência da sessão de chat educacional, aparecia o nome verdadeiro de cada participante. Além disso, a figura 4 permite observar que, no lugar em que aparece um emoticon amarelo, havia a foto de cada integrante da turma do EPT. Também por questão de sigilo trocamos todas as fotos pelo emoticon, conforme mostra a figura 4.

Os dados revelam que é na interação, juntamente com a exposição do seu nome verídico e a foto dos participantes, que vão construindo a identidade de cada integrante, principalmente, quando este relata dados reais de sua vida pessoal, como podemos observar na figura 4, que mostra uma aluna, Regina, perguntando ao professor Marcos o motivo dele morar em Niterói.

A próxima figura, retirado do chat educacional do curso EPT mostra a verdadeira identidade dos participantes:

FIGURA 5

Recorte de uma sessão de chat educacional do curso EPT



A figura 5 do chat educacional mostra que não há o uso de *nickname*. Dessa forma, observamos que não há a dissociação no indivíduo entre a sua identidade real e a identidade virtual, que poderia ser produzida mediante o uso de um *nickname*. A

identidade de cada participante do EPT é construída pouco a pouco na interação tanto no chat como em outras ferramentas usadas no EPT, como, por exemplo, o fórum⁶.

Ao analisar os dados, percebemos que os participantes tinham uma preocupação de não serem ásperos, grosseiros ou rudes com o interlocutor, parecendo, assim, querer preservar a sua face e a do interlocutor. Essa questão pode estar relacionada não somente ao próprio gênero chat educacional, pois são sempre os mesmos participantes que se encontram por um certo período de tempo (do início até o fim do curso EPT), como também pelo fato de esses participantes usarem os seus nomes verdadeiros ao interagir via chat.

Os dados mostraram também que os participantes marcavam, previamente, o horário de início da sessão de chat, assim como eles escolheram um dia da semana em que todos pudessem participar dessas sessões, que, geralmente, era o sábado ou o domingo. Já com relação ao horário de encerramento da sessão, percebemos que não haviam um horário previamente definido, uma vez que notamos que após os participantes conversarem sobre diversos assuntos, eles iam usando estratégias de despedidas (BARBOSA-PAIVA; SOTO, 2009) para se anunciar sua saída da sala de chat.

Argumentamos, por fim, que, no chat educacional investigado, o *nickname* não é a identidade eletrônica dos participantes, isto é, temos a ausência do uso de *nicknames*. Os participantes utilizam seus próprios nomes nas interações via chat. Reiteramos que a foto contribui para a construção da identidade “real” do participante do EPT.

⁶ Além do chat educacional, o fórum também foi uma ferramenta usada no curso EPT.

5. O uso de *nickname* no chat aberto

A figura a seguir apresenta um recorte de uma sessão de chat aberto, retirado do provedor gratuito da UOL, em que podemos observar vários *nicknames*:

FIGURA 6

Recorte de uma sessão de chat aberto

```
(10:58:51) Tiããoooo (reservadamente) fala para flor: oi
(10:58:53) Tiããoooo (reservadamente) fala para flor: quer tc?
(10:58:55) Bruh fala para Guitar: meu pai trabalha no correio
(10:58:56) Bruh fala para Guitar: srsrsrsrsrsrs
(10:59:04) Bruh fala para Guitar: 18
(10:59:05) lindinha fala para gato_cam: oi
(10:59:05) talu 16 fala para NANDO CAM: e vc?
(10:59:06) Bruh fala para Guitar: e vc ?
(10:59:14) Medico de Plantão entra na sala...
(10:59:22) talu 16 fala para NANDO CAM: hum
(10:59:23) Taty entra na sala...
(10:59:25) talu 16 fala para NANDO CAM: 16
(10:59:27) morena fala para Todos: alguem de lisboa????????????????????
(10:59:36) gata-sexy fala para jefe: oi, voutei
```

(Acesso 5 fev 2011)

A figura 6 mostra vários *nicknames*, como, por exemplo, “lindinha”, “Medico de Plantão”, “gata-sexy”, “jefe”, “morena”, “Guitar”. Nesse exemplo, podemos observar um aspecto mencionado por Bechar-Israeli (apud ARAÚJO & COSTA, 2007) de que o usuário deixa em seu *nickname* pistas para desenvolver os temas que deseja. Nesse sentido, os *nicknames* “gata-sexy” e “gato_cam” parecem deixar pistas de que gostariam de conversar sobre temas eróticos, apesar de esse exemplo pertencer à temática “Tema livre”. Podemos observar, também, que alguns *nicks* indicam uma descrição física, como “morena”, “lindinha”. Já outros *nicknames* sugerem ser originados dos nomes verdadeiros dos usuários, como “Taty” e “Tiããoooo”, entretanto, nesse caso,

não há como saber o verdadeiro nome desses internautas. Podemos dizer que há apenas suspeitas de que a pessoa que usa o *nickname* de “Taty” se chama Tatiana e o Sebastião no caso do usuário com o *nickname* “Tiããoooo”. Cabe ressaltar ainda que esses dois *nicknames* são abreviações de nomes usadas também no “mundo real”.

Nesse exemplo, observamos que não há uma regra na escrita dos *nicknames*: há *nicknames* com iniciais em minúsculas, outros em maiúsculas, outros, ainda, grafados todos em maiúscula. Verificamos que houve uma tendência em que *nicknames* oriundos de nomes verdadeiros, como, por exemplo, “Taty” e “Tiããoooo” viessem com inicial em maiúscula, já os *nicknames* que pareciam descrever o internauta, como “lindinha”, “gata-sexy”, isto é, *nicknames* oriundos de adjetivos, viessem grafados em minúscula. Isso pode ser explicado pela regra geral do uso de maiúscula que os internautas sugerem ter internalizado.

Podemos observar que, nesse tipo de chat, há a opção de escolher a cor ao grafar o *nickname*. Isso é feito no momento da escolha do *nick*, que é uma condição para entrar e participar da sala de chat aberto. Não podemos deixar de mencionar que nessa figura há a possibilidade de visualizar a modalidade de “chat reservado” operando dentro do chat aberto.

A figura a seguir, retirado da mesma sessão anterior de chat aberto da UOL e também pertencente à temática “Tema livre”, reitera o uso de *nickname* insinuando erotismo e descrição física:

FIGURA 7**Recorte de uma sessão de chat aberto**

(11:41:32) **Ruivaa Gostosinhaa** fala para **gato_cam**: Oii
(11:41:49) **Ruivaa Gostosinhaa** fala para **gato_cam**: bauru e vs ?
(11:41:59) **Ruivaa Gostosinhaa** fala para **gato_cam**: hum ..
(11:42:04) **Ruivaa Gostosinhaa** fala para **gato_cam**: 15 e vs ?
(11:42:14) **Ruivaa Gostosinhaa** fala para **SEU GOSTOSÃO (CAM)**: oii
(11:42:18) **GOSTOSO-CAM** sai da sala...
(11:42:23) **Ruivaa Gostosinhaa** fala para **gato_cam**: siim siim

(acesso 5 fev 2011)

A figura 7 mostra quatro *nicknames*: “Ruivaa Gostosinhaa”, “gato_cam”, “SEU GOSTOSÃO (CAM)” e “GOSTOSO-CAM”. Esses quatro *nicks* sugerem o aspecto físico que o internauta quer passar para seu interlocutor. Ou seja, é a imagem que ele quer que o seu interlocutor tenha dele(a). Nesse exemplo, vemos três tipos de grafia nos *nicknames*: i) iniciais em maiúscula; ii) grafado todo em minúscula e iii) todo grafado em minúscula. Pelo fato de ser de esse exemplo pertencer a mesma sessão do exemplo anterior, há também da cor da fonte.

As figuras (06) e (07) permitem verificar liberdade na escolha do *nickname* e na cor da sua grafia. A figura (07) revela, claramente, um processo de elaboração do *nickname* quando o usuário emprega um pronome possessivo “seu” como parte formadora do *nickname* “SEU GOSTOSÃO (CAM)”. O uso desse possessivo sugere uma “apelação” para que o(s) interlocutor(es) converse(m) com ele. As duas figuras (06) e (07) mostraram também que os usuários usaram a estratégia de repetição de letra (Cf. BARBOSA-PAIVA, 2010) como procedimento de construção do *nickname*. Além dessa estratégia, a figura (07) permite observar a estratégia da parentetização na

elaboração do *nickname*: “SEU GOSTOSÃO (CAM)”. Nesse caso, o elemento inserido ((CAM)) parece revelar que o usuário tem disponibilidade de usar a “*webcam*”, uma câmera de vídeo que capta imagens e as transfere para um computador. Cumpre observar que em várias formações de *nickname* apareceram o léxico “cam”, sugerindo essa disposição de o internauta usar a câmera de vídeo, conforme mostram os *nicknames*: “gato_cam” e “NANDO CAM”.

Verificamos também que, nessas duas figuras mencionadas, houve tanto *nickname* constituído por um único léxico, denominado como “simples”, como “Taty”, “lindinha”, “Guitar”, como também *nicknames* formado por 2 léxicos, nomeado por nós como “composto”, como “gata-sexy”, “NANDO CAM”, “Ruivaa Gostosinhaa”.

Ainda, com relação às duas figuras (06) e (07), podemos observar que no conjunto de *nickname*, há alguns que marcam mais claramente o sexo do usuário, como, “gata-sexy”, “morena”, “Taty”, “lindinha”, “Ruivaa Gostosinhaa” para marcar o sexo feminino, já os *nicknames* “gato_cam”, “Tiããoooo”, “GOSTOSO-CAM”, para indicar o sexo masculino. Há ainda alguns *nicknames* que parecem não indicar o sexo do internauta, como “Bruh”, “Guitar”.

Observamos que no chat aberto, a escolha do *nickname* precisa ser “sugestivo” para dar evidências ao interlocutor de que assunto gostaria de conversar, já que um internauta entra na sala e não sabe com quem interagirá e se alguém se interessará por ele. Além disso, temos que considerar o fato de não existir um tema pré-definido para conversar. A escolha do *nickname* parece revelar a intenção do usuário, principalmente, aquele que sugere ser o aspecto físico do internauta e este deseja que o seu interlocutor assim o “veja”, isto é, é a imagem que deseja ser visto(a). Desse modo, no chat aberto, há grande liberdade na escolha, na grafia e na cor da fonte do *nickname*. Nessa modalidade, entendemos que a criatividade do *nickname* pode despertar a atenção do

interlocutor e assim conseguir um parceiro para interagir, já que este parceiro optou por conversar com certo *nickname*, que revela por si só a intenção comunicativa do usuário.

A tabela a seguir apresenta algumas características comparativas entre o chat educacional e o chat aberto:

TABELA 1

Comparação entre chat educacional e chat aberto com relação ao *nickname*

Algumas características	Chat educacional ora analisado	Chat aberto ora analisado
Uso de <i>nickname</i>	-	+
Opção de escolher a cor da fonte do <i>nickname</i>	-	+
Opção de grafar o <i>nickname</i> (uso de maiúscula ou minúscula)	-	+
Uso de estratégias de construção textual na grafia do <i>nickname</i>	-	+
Uso de foto na identificação do internauta	+	*
Uso de nome verdadeiro na identificação do internauta	+	*

Legenda:

+ = Presença

_ = Ausência

* = Possibilidade de uso

A tabela (01) mostra que no chat aberto há vários recursos disponíveis para os usuários operarem quando se trata de *nickname*. Já no chat educacional, os participantes contam com apenas dois recursos, que os consideramos relevantes para um ambiente de ensino e aprendizagem de língua: o nome verdadeiro (ausência de *nickname*) e a foto. Lembramos que no chat aberto, há a possibilidade de usar a câmera de vídeo, a *webcam*, já, no chat educacional do curso EPT, os participantes não contavam com áudio e vídeo.

Entendemos que os vários recursos disponíveis aos usuários do chat aberto estão relacionados com a sua própria modalidade, que difere bastante se compararmos com a modalidade do chat educacional. Ou seja, acreditamos que isso está estritamente ligado com o gênero, uma vez que, no chat aberto, o encontro parece ser casual, de livre acesso e a busca por parceiro para conversar parece ser a primeira intenção do usuário no momento da escolha de um *nickname*, já, no chat educacional, o acesso é limitado apenas aos participantes matriculados, com finalidade educacional (MARCUSCHI, 2005).

Em fim, o chat educacional mostra que não há o uso de *nickname*, o que difere do chat aberto. Dessa forma, não há a liberdade de escolha do *nick*, nem liberdade de grafia, nem opção por cor na grafia do *nick* e nem *nickname* que sugira o aspecto físico do internauta. No chat educacional, não é um contexto em que o usuário precise “estimular” o seu interlocutor para conversar, como acontece em um chat aberto, já que normalmente, no chat educacional, além da interação ser entre os mesmos participantes, estes, normalmente, discutem algo relacionado ao curso em que estão matriculados.

5. Considerações finais

Neste artigo, formulamos a seguinte questão: existe o uso de *nicknames* em chat educacional? Apresentamos uma resposta a partir de um conjunto de cinquenta e duas sessões de chat educacional referente a duas turmas de um curso de espanhol, intitulado “*Español para Turismo*”, ministrado a distância em um ambiente virtual de aprendizagem. Os corpora revelaram que não houve o uso de *nicknames*. Nesse sentido, não houve a dissociação no participante entre a sua identidade real e a identidade virtual, que poderia ser gerada a partir da utilização de um *nickname*. Os dados do chat educacional mostraram, portanto, que a foto e o nome verdadeiro (ausência do

nickname) do participante são importantes recursos de identificação pessoal para um ambiente destinado ao ensino e aprendizagem de línguas, uma vez que nesse ambiente não havia disponíveis recursos de áudio e vídeo. Além do nome verídico e da foto, temos que considerar o fato de que a identidade de cada participante vai se construindo à medida que vai estabelecendo a conversação via de chat e interação com outras ferramentas do curso, como o fórum.

Buscamos mostrar, também, a construção lexical do *nickname* no chat aberto, estabelecendo algumas diferenças entre o chat aberto e o chat educacional, que constituem em duas modalidades distintas de chat. No chat educacional, conforme já mencionamos, não há o uso de *nickname*, diferindo, assim, do chat aberto, que revelou apresentar liberdade na escolha do *nick*, na cor da sua grafia, enfim, liberdade de elaboração lexical do *nickname*. Essas características parecem estar relacionadas à escolha de um *nickname* que seja capaz de atrair a atenção do interlocutor com a finalidade de estabelecer i) uma conversação de acordo com sua intenção, sugerida a partir da escolha do *nick*; e ii) a imagem como quer ser tratado e visto (CAMMANY apud SANMARTÍN SÁEZ, 2007). Desse modo, a escolha do *nick* parece estar orientada para a construção de um apelido que seja capaz de “funcionar comunicativamente”, dentro de um contexto em que há uma busca por interlocutor a fim de interagir de acordo com a intenção do usuário. Argumentamos, por fim, que os dados selecionados possibilitam observar que o *nickname* é objeto de reflexão, apesar de não ser uma característica do chat educacional investigado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. C. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. 2006. 341f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. (UFC), Fortaleza, 2006.

ARAÚJO, J. C.; COSTA, N. Momentos Interativos de um Chat Aberto: A Composição do Gênero. In ARAÚJO, J. C. (Org.) *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BARBOSA-PAIVA, C. L. *Estratégias de construção textual do chat escrito em espanhol como língua estrangeira*. 233 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2010.

_____. Uso do chat na sala de aula de língua espanhola: uma proposta a partir da análise do gênero. In: SOTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (Orgs.) *Linguagem, Educação e Virtualidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (http://www.culturaacademica.com.br/colecao_view.asp?ID=6) Acesso: 23 maio 2010.

BARBOSA-PAIVA, C. L.; SOTO, U. *Gênero Digital Emergente: Análise da Construção Composicional do Chat dirigido para a Esfera Educacional*. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa - Paraíba. Primeiro Volume dos Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa: Idéia, 2009. v. 1. p. 882-890.

CRYSTAL, D. *El lenguaje e Internet*. Traducción española de Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2002.

LÓPEZ GARCÍA, G. *Modelos de comunicación en Internet*. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MAYANS, J. *Género chat. O cómo la etnografía puso un pie en el ciberespacio*. 1. ed. Barcelona: Gedisa, 2002.

RODRÍGUEZ ILLERA, José Luis & ESCOFET ROIG, Ana. La enseñanza y el aprendizaje de competencias comunicativas en entornos virtuales. In: COLL, César & MONEREO, Carles. (Orgs.) *Psicología de la educación virtual: aprender y enseñar con las Tecnologías de la información y la Comunicación*. Madrid: Morata, 2008. p. 368-385.

SANMARTÍN SÁEZ, J. *El chat. La conversación tecnológica*. Madrid: Arco Libros, 2007.

SOTO, U; GREGOLIN, I. V.; RANGEL, M. Concepção, design e ferramentas de um ambiente virtual colaborativo de ensino-aprendizagem de língua espanhola. In: SOTO,

U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (Orgs.) *Linguagem, Educação e Virtualidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
(http://www.culturaacademica.com.br/colecao_view.asp?ID=6) Acesso 23 maio 2010

YUS, Francisco. *Ciberpragmática*. El uso del lenguaje en Internet. Barcelona: Ariel, 2001. (Ariel Lingüística).